



COM OS PÉS PLANTADOS NAS NUVENS

Centro Cultural UFG - CCUFG
17 de março a 10 de junho de 2022
Goiânia - Goiás - Brasil

COM OS PÉS PLANTADOS NAS NUVENS

ADRIANA MENDONÇA • ELIANE CHAUD • GLAYSON ARCANJO • MARIA TEREZA GOMES • ODINALDO COSTA
PAULO DUARTE-FEITOZA • RUBENS PILEGGI

Âmbar • Grupo de Pesquisa em Práticas Artísticas • FAV-UFG • CNPq





COM OS PÉS PLANTADOS NAS NUUVENS

Âmbar • Grupo de Pesquisa em Práticas Artísticas • FAV-UFG - CNPq

www.grupoambar.website

Este trabalho apresenta uma série de estudos sobre a relação entre a natureza e a arquitetura, explorando a possibilidade de integrar elementos orgânicos e vegetais em ambientes urbanos. A pesquisa é baseada em observações de campo e em experimentos de escala reduzida, visando compreender como a vegetação pode ser utilizada para melhorar a qualidade de vida e a sustentabilidade das cidades. O projeto é desenvolvido em conjunto com o grupo de pesquisa em Práticas Artísticas da FAV-UFG, sob o patrocínio do CNPq.







A exposição *Com os pés plantados nas nuvens* tem importantes elementos que a colocam num lugar especial dentre as atividades de ensino e pesquisa da Faculdade de Artes Visuais (FAV): o primeiro deles é que esta exposição é a primeira do Âmbar, grupo de pesquisa CNPq em práticas artísticas; segundo: ela abre as atividades presenciais do Centro Cultural da Universidade Federal de Goiás (CCUFG) e só este motivo já seria suficiente para falarmos do significado da retomada das atividades artísticas e culturais nos espaços da UFG, num cenário sombrio de tanta incerteza e desvalorização da vida; terceiro: é uma exposição feita por professores-artistas.

Meus colegas de FAV: Adriana Mendonça, Eliane Chaud, Glayson Arcanjo, Maria Tereza Gomes, Odinaldo Costa, Rubens Pileggi e Paulo Duarte-Feitoza fizeram daquele espaço uma potência dedicada à arte e ao ensino dela.

Neste espaço, através da arte e com a arte, o grupo de pesquisa se propõe a criar um lugar de encontro entre pesquisadores, estudantes e a comunidade.

As diversas expressões da forma artística plantadas no CCUFG revelam a potência criativa e também a potência de estudo.

Estudo no sentido de evidenciar, aclarar, de ser uma luz em meio à escuridão do tempo. Paulo Freire já afirmava que “Estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica

que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria.”¹

Enquanto estudavam os professores ganhavam também a compreensão de seu trabalho, de sua arte, de sua expressão. E desse exercício de aventura, risco e criação/criatividade, nasceu a exposição.

Objetos, fotografias, gravuras, desenhos, pinturas, vídeos e instalações foram os vários recursos empregados para perceber as relações pretendidas no vasto universo da arte.

Exposições como essa são importantes para toda a FAV, mas principalmente para o curso de artes visuais bacharelado, pois além de gerar aproximações entre a pesquisa, o ensino e a extensão, valoriza e dá a visibilidade da produção artística dos professores. Numa troca com os estudantes na recriação e criação já dita por Freire, estimula nossos estudantes a também produzirem.

E por fim, a exposição e o grupo faz cumprir uma das principais missões da UFG e da FAV, que é aproximar da sociedade, e assim fazer da arte um exercício de escuta e também de construção comunitária.

Deixemos nossos pés plantados nas nuvens da arte, das cores e da criatividade.

Bráulio Vinicius Ferreira
Diretor da Faculdade de Artes Visuais - UFG

¹ FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. Sielo.br, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/QvgY7SD7XHW9gbW54RKWHcL/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em 27 de maio de 2022.

SOL, LUZ, COR²

Ao longo dos séculos, a luz e a cor foram realidades fundamentais que possibilitaram pensar a obra de arte, em especial a pintura. Não em vão, Baudelaire afirmou que «na cor se encontram a harmonia, a melodia e o contraponto». No Brasil, a luz e as cores tropicais representaram um autêntico desafio aos pintores europeus que aqui chegaram. Para o pintor Nicolas-Antoine Taunay, como bem explicou Lilia Schwarcz, o Brasil era difícil de apreender e pintar devido à sua luz demasiado brilhante o que teria motivado ao artista afirmar «estar no país do Sol»³. Para Édouard Manet, precursor dos impressionistas que esteve no Brasil entre 1848 e 1849 quando tinha apenas 17 anos, a luz dos trópicos foi reveladora⁴. Sobre esta viagem, afirma Carlos Zilio que «Manet teve seu olhar impregnado como se essa outra luz houvesse queimado na sua retina qualquer possibilidade de conciliação com o mundo clássico»⁵. Se a luz e o sol do Brasil

AS NUVENS QUE PASSAM
Paulo Henrique Duarte-Feitoza

² O presente parágrafo está baseado nas discussões realizadas pelo grupo âmbar recolhidas por Rubens Pileggi no texto Sobre o início das nossas conversas sobre o âmbar (2021).

³ SCHARCZ, Lilia Moritz. *O sol do Brasil. Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁴ CAVALCANTI, Jardel Dias. "Manet no Rio de Janeiro" in *Digestivo Cultural*. Londrina, 13/1/2003. Disponível em: <https://bit.ly/3ivUsw5>

⁵ ZILIO, Carlos. "Justamente pelo contrário" in *Revista Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, v. 9, fev. 1987, p. 118. Disponível em: <https://bit.ly/37rF14g>

possibilitaram a *planaridade* da pintura de Manet não podemos afirmar; entretanto, segundo Michel Foucault, a partir do uso da iluminação sem precedentes na pintura europeia, quando Manet «fez agir na representação os elementos materiais fundamentais da tela, ele estava inventando, se quiserem, o quadro-objeto, a pintura-objeto»⁶. Por ora, o que gostaríamos de afirmar é que a luz e as cores desta parte do mundo parecem ser, ora um impedimento, ora uma oportunidade para a arte que, num balanço pendular e contínuo, nos faz refletir.

ÂMBAR(ES)

O Centro-Oeste é uma região de contrastes profundamente antagônicos. É possível percebê-lo a começar por seu clima extremamente radical e oposto com duas estações marcadas; uma chuvosa e outra seca, que apresentam luzes e cores ora opostas, ora complementares. Tudo se apresenta de forma profundamente intensa; na época da seca, o sol se mostra de forma tão radiante e intensa que nos obriga a fechar ligeiramente os olhos ao tentarmos mirar a paisagem. As chuvas, com seus raios e trovões, às vezes breves, são tão estrondosas que inquietam qualquer alma tranquila. Nesta região, há algo todavia mais perturbador, algo que até para aquele sujeito habituado às idas e vindas nestas terras jamais

passaria despercebido: o céu. A horizontalidade deste planalto junto ao céu imenso, azul e brilhante, pesa sobre nós de forma singular. Se em outras regiões é facilmente possível circunscrever e perceber seus limites territoriais, seja graças às montanhas, rios ou matagais, aqui as lonjuras parecem se prolongar ao infinito, provocando uma sensação de tempo e espaço singulares. Neste céu infinito, a lua e o sol, em determinados períodos do ano, se apresentam, também, de forma tão gigantesca que assustam, ao mesmo tempo que fascinam. Não à toa, há um ditado que diz que «o mar de Goiás é o céu».

Por outro lado, o âmbar, para além do conceito abstrato, é um material residual das seivas das árvores, com o qual se fazem tintas para pintura; proteção contra o ácido, na gravura e, também; produtos medicinais usados na cultura popular e quilombola. Assim, a ideia Âmbar também está ao alcance da escala das mãos, próxima ao corpo, fazendo esse território híbrido, o Brasil Central, ganhar dimensões em que o local dialoga com o global sem perder suas idiosincrasias.

Ao pensar a luz que se desenha e irradia nesta região, há um momento específico do dia quando ela se mostra de fato singular. No fim da tarde, entre o término do dia e o crepúsculo da noite, é possível ver o imenso sol se aproximando do horizonte e, exatamente neste momento, efêmero, fugidio e lampejante, o azul brilhante do céu infinito

⁶ SCACHETTI, R. E. (2012). A pintura de Manet. *Visualidades*, 9(1). Disponível em: <https://bit.ly/3KPmbUn>

logo se mistura aos azuis, ocres e alaranjados mais escuros até apresentar-se o breu. Durante poucos minutos, o espetáculo é tal que a cor invade nossas retinas provocando prazer e assombro de forma avassaladora.

A exposição *Com os pés plantados nas nuvens* apresenta obras que são resultado de processos criativos, ocorridos em pouco mais de um ano, que buscaram pensar, discutir e criar a partir do mote da luz e da cor âmbar.

Situados no Brasil Central, e de olho nas peculiaridades do céu e da luz deste entorno geográfico, os artistas integrantes do grupo *Âmbar*, através de suas heterogêneas práticas artísticas, criaram pensando nesta cor que se apresenta de forma tão efêmera, porém tão intensa em nossos céus. Adriana Mendonça, nascida em Buriti Alegre, cidade situada ao sul do Estado de Goiás, mergulha nos tons terrosos de sua memória afetiva. Lembrando das brincadeiras infantis, qual *homo ludens*⁷, a artista acessa, através da memória, locus específicos da imaginação, ativando o processo criativo a partir de flores de árvores nativas da região, ativando experiências oculares, mas também olfativas, sentido tão negado pelo Império da visão ocidental. Deambulando pelas proximidades de sua casa, de maneira serpentina, Mendonça observa, esboça, anota, fotografa, registra paletas, coleta flores e extrai pigmentos que lhe per-

mitem criar as obras que nos apresenta. Seus desenhos e pinturas nos mostram que os lampejos âmbar, como o bater de asas de uma borboleta, são labirínticos e musicais.



Adriana Mendonça. *Uma cobra de cimento serpenteando lembranças terrosas e floridas*, 2021. Desenhos com pigmentos naturais sobre papel.
Fotografia: Adriana Mendonça.

«Amarelo alaranjado, laranja amarelado, amarelo acobreado, castanho», escreve a artista Eliane Chaud em sua poesia *Âmbar*. Chaud opera de maneira múltipla, anotando, escrevendo, rimando, coletando e cortando fios. Em sua obra *Guardados de cor*, faz uso de pequenas placas de Petri nas quais sobrepõe linhas de bordar em diferentes tonalidades de

⁷ HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

cor âmbar. O resultado é singular, e permite observar de maneira aleatória e sem ordem definida as cores delicadamente guardadas. As linhas de bordar, material historicamente vinculado à prática doméstica feminina, com suas tonalidades cálidas, contrasta com a frieza laboratorial das placas de Petri. A coleta, seleção e o guardado das cores vinculadas à paisagem de seu cotidiano, que também pode ser nosso, é realizada de forma delicada e afetiva, mas também cirúrgica e precisa como nos fazem pensar os recipientes que as contêm. Chaud nos convida, muito sutilmente, a cultivar, observar e examinar as tonalidades que muitas vezes passam despercebidas em nossa rotina desenfreadamente moderna.



Eliane Chaud. *Guardados de cor*, 2021. 27 Placas de Petri - tamanhos 10 e 12 cm e linhas de bordar. Detalhe do trabalho. Fotografia: Paulo Rezende.

O cotidiano é também um dos assuntos de reflexão de Glayson Arcanjo, cuja «casa» é um lugar e uma ideia que atravessam sua vida e parte de seus processos criativos. Arcanjo se recolhe em seu quintal e se integra à terra, construindo canteiros, plantando hortaliças e flores. Em certas ocasiões, é possível intuir ou pensar em uma volta sutil ao primigênio, ao originário primeiro. Neste tempo-espaço, o artista se debruça sobre as vistas do quintal coletando, em diversas linguagens artísticas, as tonalidades de cor âmbar. Com a chegada dos meses inverniais, agosto e setembro, tal qual um demiurgo do Cerrado, Arcanjo observa o que ele mesmo denomina de «ambiência âmbar», isto é, essa lenta, porém imparável transformação colorista da vegetação do quintal que, aos poucos, revela tonalidades terrosas, amarelas, laranjas, ocre e marrons. A partir da coleta e observação direta das árvores, ele elabora a série de desenhos *Árvores-raízes* em que, como bem afirma, os tons ocre, marrons e alaranjados nos aproximam das cores do pôr-do-sol e do fogo, esse último elemento inconfundível e frequentemente vinculado às queimadas no período seco da região. O fogo é origem, mas também fim. Em outras ocasiões, na obra de Arcanjo, casa-quintal-corpo é um ente único e interligado. Ao caminhar no quintal, assistimos, na vídeo-performance, o artista se integrando perfeitamente ao entorno e, às vezes, as cores terrosas da vegetação se

misturam com esse corpo que deriva rumo a um destino desconhecido. Algo similar acontece na imagem em que o artista, após coletar uma enorme folha seca, se fotografa segurando-a; mais uma vez, as tonalidades terrosas da vegetação e do corpo se misturam reforçando a conexão homem e natureza, num baile onírico, poético, e justamente por isso, profundamente político.



Glaysen Arcanjo. *Planta-pé*, 2021. Vídeo. / *Quando a folha cai*, 2021. Folhas coletadas. 132 cm diâmetro. Fotografia: Paulo Rezende.

A natureza local é também assunto de reflexão proposto por Maria Tereza Gomes. A artista anota, escreve, esboça, coleta sementes e analisa cheiros e tonalidades. O ponto nevrálgico de seu processo criativo se dá através da

observação das seivas das árvores locais, tais como o jatobá ou o angico, que exsudam como autodefesa uma resina de cor âmbar com propriedades medicinais. Gomes trabalha as qualidades materiais da resina, seu brilho, transparência e maleabilidade. Após experiências criativas vinculadas ao acaso, a resina se transforma em verniz e logo em finas camadas de resina craquelada que possibilitam à artista apresentar formas matéricas de folhas sobre tecido. Estas obras – assim como os desenhos de plantas usando os próprios extratos glicólicos – podem ser vistas como exercícios quase autofágicos.



Maria Tereza Gomes. *1 x ao dia*, *2 x ao dia*, *3 x ao dia*, 2022. Louça branca, água, resina de árvores (angico, jatobá). Detalhe do trabalho. Fotografia: Maria Tereza Gomes.

O corpo, a memória e a infância também aparecem na obra de Odinaldo Costa. Obrigado pela pandemia a retornar à sua cidade natal, e também à rua em que morou e viveu durante a infância e a juventude, o artista se propõe (re)visitar esses *locus* e esse corpo com o intuito de desencadear processos criativos. Assim, a praia de Tambaú se transforma num palco cênico intimista no qual se perde, passeia e deambula à procura de objetos e fragmentos de memória. É possível imaginá-lo como um catador que, frente a cada objeto perdido, com suas mãos, (re)lativa memórias afetivas que são individuais, mas também coletivas. As séries *Nem por um segundo pensei que estaria no mar sozinho*, *Esquecidos* e *Topografia de mim* são imagens independentes apresentadas em sequência que formam um mosaico. Há ali uma brincadeira infantil, ao posicionar vidros frente à lente que acaba por revelar essa imagem âmbar, sépia, vinculando-as a um passado que se faz presente. Ainda sobre as formas, a apresentação dessas imagens lembra mosaicos bizantinos; cada pequena peça, imagem, tem função própria, mas juntas narram uma história. A falta de uma imagem e, portanto, de uma peça, não impossibilita a leitura em conjunto, mas interrompe a narrativa, convidando o espectador a completar a sequência, talvez com uma história própria.



Odinaldo Costa. *Nem por um segundo pensei que estaria no mar sozinho*, 2021.
Fotografia instantânea. 65,5 cm x 18 cm. Fotografia: Odinaldo Costa.

Outro catador de imagens é Rubens Pileggi. Fascinado pela luz que o pôr-do-sol nos oferece na região, o artista vem capturando esses instantes com sua câmera, desde 2012. A coleção de imagens é diversa, mas todas têm algo em comum, procuram imortalizar o instante fugaz, o lampejo fugidioso que se desenha nos céus entre o pôr-do-sol e o breu, âmbar. Não só fotografa a natureza, como também seu bairro e suas luzes. O vídeo *Paisagem (s)em concerto*, realizado em 2021, parte de uma imagem de seu bairro, o Itatiaia, pouco antes do anoitecer com todos os postes públicos iluminados; a intervenção do artista passa por animar as luzes fazendo-as piscar junto ao som do curto-circuito que os postes provocam quando falham e com o som das cigarras. O efêmero e o fugidioso do âmbar se manifestam no lampejo das lâmpadas do bairro, mas também através dos sons que

integram esta dança fugaz em que se transforma o vídeo. O canto das cigarras é perturbador. O som das cigarras avisa a aproximação das chuvas após os meses secos e quentes. Um grito de desespero? Talvez! Mas isto nos lembra que tudo é efêmero, assim como os lampejos âmbar, e que a chuva chegará, estrondosa como sempre, iniciando um novo ciclo natural renovando eternamente a paisagem no Brasil Central.

Estas experiências e observação atenta sobre seu entorno leva o artista a realizar *Marcos 13:13-24*, uma instalação visual e sonora. Através de sete lâmpadas com seus respectivos braços de postes, situadas em três paredes do espaço expositivo, o artista literalmente introduz a rua na galeria. Mediante um sensor de presença, a instalação se ativa quando o espectador se situa no espaço, fazendo com que as lâmpadas se acendam, mas com sua característica própria, falha, piscando numa dança visual qual curto-circuito. Emulando o barulho dos reatores, um dispositivo sonoro acompanha essa luminosidade fugidia. Com esta ação, e com título tão promissor, as leituras da obra são múltiplas, entretanto, uma delas nos apresenta de forma instigante: no meio do nada, entre a luz e a escuridão, entre os lampejos titubeantes do mundo, entre erros e acertos, coletivos e individuais, devemos persistir na caminhada.



Rubens Pileggi. *Paisagem(s) em concerto*, 2021. Fotograma de Vídeo.

Os trabalhos aqui apresentados, em toda sua heterogeneidade, procuram reavaliar, pensar e criar a partir desta luz, cor e materialidade tão características, mergulhando, cada qual à sua maneira, nas profundezas da criação. Paisagens, natureza, corpos, propostas sensoriais feitas de sons e luzes. Enfim, esta é uma exposição para falar de imensidão e lonjuras, mas também, e sobretudo, para falar do que nos conecta mais profundamente enquanto humanos.

ÍCARO, DO SOL ÀS ILHAS DO ÂMBAR

Segundo recolhe Pierre Grimal⁸, Ícaro era filho de Dédalo. Após Dédalo ajudar Teseu a escapar do Labirinto, o rei Minos ali os encerrou. Contudo, o brilhante engenheiro fabricou asas para si e seu filho fixando-as aos ombros com cera. A advertência do pai, foi a de que Ícaro não deveria voar muito alto, nem rápido, porém a rebeldia e orgulho fizeram-no se elevar próximo ao astro rei, provocando que a cera se derretesse e Ícaro se precipitasse ao mar. Num cabo do mar Egeu, encontra-se a tumba de Ícaro. Explica-se, também, que nas ilhas do Âmbar, Dédalo levantou duas colunas/estátuas; uma em honra ao seu filho e outra a si próprio. Outro ponto que nos interessa a respeito deste mito é o relato recolhido no livro *De mirabilibus auscultationibus* (Das maravilhosas coisas ouvidas), atribuído a Pseudo-Aristóteles, onde é possível ler que, «Acima das ilhas do âmbar que estão no ângulo formado pelo Adriático, dizem que existem duas estátuas: uma de estanho e outra de bronze, que não têm o aspecto de uma técnica antiga. São obra de Dédalo e datam da época em que, fugindo de Minos e vindo de Creta e da Sicília, Dédalo chegou a esta região»⁹.

O presente relato nos interessa enquanto menção às conexões entre o Sol e um lugar imaginário no qual se extraía o âmbar. A impossibilidade de aproximarmo-nos do Sol nos leva diretamente ao âmbar. Nestes lados do mundo, imbuídos de certo realismo mágico, não é difícil pensar nosso sertão como um lugar real-mitológico onde, todos os dias, entre o fim da tarde e o crepúsculo da noite, num momento fugaz que escapa rapidamente, a luz âmbar, um Sol inverso, inunda este imenso céu prolongando ainda mais o infinito altiplano.

Com os pés plantados nas nuvens é uma meditação entorno à luz, à cor e à materialidade âmbar(es). Como vimos, é também sobre esse instante efêmero que nos escapa às mãos. Terminei este texto olhando o imenso céu através de minha janela e me vêm à mente um verso de Charles Baudelaire: «Amo as nuvens... as nuvens que passam... lá, lá, adiante... as maravilhosas nuvens!»¹⁰.

⁸ GRIMAL, Pierre. *Diccionario de mitología griega y romana*. Barcelona: Paidós, 1981.

⁹ SCHREIBER, Hermann e Georg. *Ciudades malditas de la Antigüedad. Un misterio sepultado por la Historia*. Barcelona: Reditar Libros, 2006, p. 74. (tradução nossa)

¹⁰ BAUDELAIRE, Charles. 'O estrangeiro' in *O Spleen de Paris. Pequenos poemas em prosa*. São Paulo: Hedra, 2007, p. 37.



Adriana Mendonça
*Uma cobra de cimento serpenteando
lembranças terrosas e floridas*, 2021
Desenhos com pigmentos naturais
sobre papel .
1,60 m x 8,30 m
Detalhe do trabalho
Fotografia: Paulo Rezende



Adriana Mendonça

Uma cobra de cimento serpenteando lembranças terrosas e floridas, 2021

Desenhos com pigmentos naturais sobre papel

1,60 m x 8,30 m

Fotografia: Paulo Rezende



Adriana Mendonça
Uma cobra de cimento serpenteando lembranças terrosas e floridas, 2021
Desenhos com pigmentos naturais sobre papel
1,60 m x 8,30 m
Detalhe do trabalho
Fotografia: Paulo Rezende

UMA COBRA DE CIMENTO SERPENTEANDO
LEMBRANÇAS TERROSAS E FLORIDAS.
Adriana Mendonça

Burití Alegre fica ao sul do Estado de Goiás, como várias cidades pequenas do Centro-oeste brasileiro, ela se confunde à paisagem natural do cerrado, ora parece invadir a vegetação local, ora é invadida por árvores de raízes profundas, com seus troncos tortuosos e galhos secos retorcidos. Nessa cidade, onde nasci e cresci, os tons são terrosos, no entanto, nos meses de abril a setembro a gradação e variedade de marrons abrem espaço para que os amarelos, rosas, roxos e brancos sejam protagonistas. Há uma explosão de floradas vindas dos ipês e jacarandás em meio à vegetação rasteira e aparentemente seca, mesmo antes do início da primavera em setembro.

Ali, nos meus tempos de infância, as crianças brincavam nas ruas empoeiradas, subindo em árvores, guerreando com mamonas, fazendo colares de flores, carrinhos com rodas de limão, animais com corpo de jiló e chuchu, com pernas de graveto e bonecas de espigas de milho que faziam companhia aos brinquedos, já, industrializados.

Os quintais viravam um universo inteiro, era o lugar da imaginação, nele as crianças eram rainhas e reis de pés no chão, bichos fabulosos e árvores encantadas.

Lembro-me, vagamente, de brincar na rua da minha bisavó e me encantar com uma cobra multicolor inusitada. Modelada em cimento, ela contornava uma casa da vizinhança e serpenteava minha imaginação. Passei boa

parte da infância visitando-a toda vez que ia ver minha bisavó, até que fui crescendo, meus avós e tios desaparecendo e aquela cobra foi se desbotando e se corroendo até sumir.

A paisagem da região se modificou drasticamente com o tempo, os lugares dos arredores da cidade foram plantados de progresso do agronegócio (do agrotóxico).

O comportamento das pessoas também se modificou mediante novas inserções tecnológicas.

Hoje vejo que trazer à tona essas lembranças não é apenas uma questão de nostalgia, mas uma questão de sobrevivência mediante as investidas mortais contra o nosso bioma.

Na produção para a exposição *Com os pés plantados nas nuvens*, retomei às lembranças da infância, ao meu convívio com a zona rural do interior de Goiás e à paleta que me remete há esse tempo.

Trouxe para a pesquisa poética representações de cobras da região, principalmente das cascavéis e da vegetação. No percurso de juntar as lembranças as vivências atuais, fiz anotações e desenhei em cadernos, onde coleí fragmentos como: folhas vegetais em decomposição, ecdises de cascavel, recortes de revistas, impressões de fotografias e revelações de cianotípias. Paralelamente, fiz impressões fotográficas com técnica de antotipia (fotografia alternativa a partir de emulsões feitas com pigmentos naturais) e desenhos com técnica de aquarela sobre papel, sempre tentando misturar à

paisagem às cobras, casas e árvores, plantando essas representações a uma paleta de terrosos, amarelos e verdes naturais.

Atualmente, moro na região periférica da cidade de Goiânia, onde pude encontrar alguns objetos naturais que me serviram de pigmentos para realização de antotípias e aquarelas.

Além de buscas na memória, de referências do passado, o processo criativo se deu com flores de árvores nativas da região do Estado de Goiás, encontradas nas proximidades da minha casa. Durante alguns meses busquei identificar as árvores da região; observar o período de florada das árvores; realizar esboços e anotações em cadernos sobre os ciclos das árvores; fotografar; coletar diariamente flores caídas de ipês e jacarandás; extrair pigmentos de flores das árvores; registrar paleta; observar a anatomia das árvores e das flores e, finalmente, realizar antotípias com representações botânicas usando as cores naturais. As espécies de árvores que forneceram flores para os pigmentos foram: *Handroanthus ochraceus* (Ipê-amarelo); *Tabebuia roseoalba* (Ipê-branco); *Handroanthus impetiginosus* (Ipê-roxo) e *Jacaranda cuspidifolia* (jacaranda). Outros vegetais complementam a paleta, como açafraão (cor amarela) e folhas de boldo (cor verde).

Esse movimento de experimentar e catalogar cores extraídas de vegetais possibilitou-me descobertas, ou lembranças, tonais e olfativas que resultaram em desenhos com cheiros de terra e flores.

Com experimentações da paleta de cores e cheiros naturais, segui com o desenvolvimento de uma série de desenhos sobre papel 100% celulose com gramatura 300 nos tamanhos A3 (29,7cm x 42cm) A4 (21cm x 29,7cm) acerca das cobras, da paisagem, da vegetação local, das árvores e flores.

Além da série realizada com estes tamanhos desenvolvi duas aquarelas sobre papel 100% algodão (75cm x 110cm), e dois livros de artista (livros paisagem) no formato de sanfona (10cm x 15cm - fechado e 10cm x 150cm - frente e verso - aberto) neles, representei a cidade e a casa onde morei na infância e seus arredores. Lá as cobras aparecem contornando medos, em meio à paisagem terrosa e iluminada dos meses secos do meu Cerrado do passado.

Âmbar

No sertão, em Goiás

É ver, respirar, ouvir e sentir

É estar, é viver.

Ver paisagem, plantas, cor

Luz que me envolve e me toma, cor.

Laranja avermelhado, vermelho alaranjado, laranja rosáceo, rosa alaranjado, amarelo, amarelo acastanhado, castanho amarelado, amarelo pequi, amarelo pamonha.

Cheiros.

Terra molhada, terra seca, cigarra, siriema, bem-te-vi, pardais.

Calor que não escorre, seco.

Resistência, resistente.

Ouvir prosas, proximidades, aconchegos.

Amarelo alaranjado, laranja amarelado, amarelo acobreado, castanho.

Campos e Veredas.

Espaços.

.

.

.

.

Âmbar

é estar, é viver, sertão.

Eliane Chaud, 25 de abril de 2021



Eliane Chaud
Guardados de cor, 2021
27 Placas de Petri - tamanhos 10 e 12 cm e linhas de bordar
70 cm x 160 cm
Detalhe do trabalho
Fotografia: Paulo Rezende



Eliane Chaud
Guardados de cor, 2021
27 Placas de Petri - tamanhos 10 e 12 cm e linhas de bordar
70 cm x 160 cm
Detalhe do trabalho
Fotografia: Paulo Rezende



Eliane Chaud
Guardados de cor, 2021
27 Placas de Petri - tamanhos 10 e 12 cm e linhas de bordar
70 cm x 160 cm
Fotografia: Paulo Rezende



Eliane Chaud
Fotogramas do *Vídeo-Livro Âmbar*, 2021
Digital HD
Trilha sonora: Bráulio Vinicius Ferreira - FAV/UFG
Edição do vídeo: Flávio Gomes - FAV/UFG
Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=jc-3Luo8888>

conhecido • desconhecido

velo revelado

sinto ouço vejo respiro

para além da paisagem

Eliane Chaud
Fragments do Vídeo-Livro Âmbar, 2021
Impressão Digital
21 x 29,7 cm
Fotografia: Paulo Rezende



Glayson Arcanjo
Chichá, 2022
Impressão fotográfica
90 cm x 120 cm
Fotografia: Karita Gonzaga



Glayson Arcanjo
Queima, 2022
Pigmento natural aquecido sobre papel
130 cm x 470 cm
Fotografia: Paulo Rezende



Glayson Arcanjo
Queima, 2022
Pigmento natural aquecido sobre papel
130 cm x 470 cm
Detalhe do trabalho



Glayson Arcanjo
Quando a folha cai, 2021
Folhas coletadas
132 cm diâmetro
Fotografia: Paulo Rezende



Glaysen Arcanjo
Planta-pé, 2021
Fotograma da Vídeo-performance
Fotografia: Karita Gonzaga
Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=t23x5ALJF1g>

SOBRE CICLOS, DESENHOS E PAISAGENS ÂMBARES
Glayson Arcanjo

A casa é um lugar e uma ideia que atravessou minha vida, pontuou meus processos artísticos e continuou como assunto no período de distanciamento social durante a pandemia. Com medo de transitar pelas ruas das cidades, meu corpo foi redimensionado a circular pelos ambientes da casa onde vivo.

Em minha proposta de investigação junto ao grupo mbar, observei o cotidiano e a vida ao meu redor, me aventurando a criar incursões e derivas pelo quintal e arredores de casa, construindo pequenas cenas e paisagens âmbar.

A instauração dos processos de criação coincidiu com a chegada da seca nos meses de agosto, setembro e outubro. Com ela, as folhas, galhos e troncos das árvores secaram lentamente. Antes, exuberantes em tonalidades esverdeadas, ela passou a existir em escalas cromáticas amarelas, laranjas, ocre e marrons. Vi essa "ambiência âmbar" se tornar mais presente na vegetação.

Passeando pelo quintal, vivi experiências surgidas de procedimentos muito simples e cotidianos, como a realização de caminhadas diárias. São delas que surge o vídeo intitulado *Planta-Pé*. Além das caminhadas, fiz intervenções mínimas no chão/solo/terra e coletas de folhas e pequenos gravetos. Coletadas das árvores, as folhas ganharam o interior de casa, e depois as paredes, sendo pacientemente organizadas numa composição circular de nome *Quando as folhas caem*.

Uma folha em especial, caída de uma árvore com nome Chicha ou Xixá; que em Tupy faz referência a seu fruto por este ser semelhante a mão ou ao punho fechado, me serviu para configurar uma ação que estabelece continuidade entre o corpo humano e o corpo da folha gigante.

Outro assunto recorrente nos seguidos dias de seca foram os desenhos de observação. Realizados nos fins das tardes, os desenhos intitulados *Árvores-raízes* trazem algo da observação direta das árvores existentes no quintal de minha casa, tendo se expandido, posteriormente, para a observação das árvores dos quintais de vizinhos. Produzidos com pigmentação natural sobre papéis velhos e amarelados pelo tempo, há neles muitos traços, transparências e degradês nas tonalidades do âmbar, que nos fazem lembrar das cores do pôr do sol, mas também das queimadas e do fogo, este último aliás, incorporado por meio da queima do papel e do pigmento natural utilizado.

Buscando eco na paisagem do cerrado e na passagem do tempo, sigo, *Com os pés plantados nas nuvens*, atentando-me aos ciclos das plantas, às ações da seca, ao cair das folhas e às matérias que lentamente são incorporadas ao solo; decompostas; transformadas.



Maria Tereza Gomes
1 x ao dia, 2 x ao dia, 3 x ao dia, 2022
Louça branca, água, resina de árvores (angico, jatobá)
32 cm x 110 cm
Detalhe do trabalho
Fotografia: Paulo Rezende



María Tereza Gomes
1 x ao dia, 2 x ao dia, 3 x ao dia, 2022
Louça branca, água, resina de árvores (angico, jatobá)
32 cm x 110 cm
Fotografia: Paulo Rezende



Maria Tereza Gomes
1 x ao dia, 2 x ao dia, 3 x ao dia, 2022
Louça branca, água, resina de
árvores (angico, jatobá)
32 cm x 110 cm
Detalhe do trabalho
Fotografia: Paulo Rezende



Maria Tereza Gomes
1 x ao dia, 2 x ao dia, 3 x ao dia, 2022
Louça branca, água, resina de árvores (angico, jatobá)
32 cm x 110 cm
Detalhe do trabalho
Fotografia: Paulo Rezende



Maria Tereza Gomes
1 x ao dia, 2 x ao dia, 3 x ao dia, 2022
Louça branca, água, resina de árvores (angico, jatobá)
32 cm x 110 cm
Detalhe do trabalho
Fotografia: Paulo Rezende



Maria Tereza Gomes
1 x ao dia, 2 x ao dia, 3 x ao dia, 2022
Louça branca, água, resina de árvores (angico, jatobá)
32 cm x 110 cm
Detalhe do trabalho
Fotografia: Maria Tereza Gomes



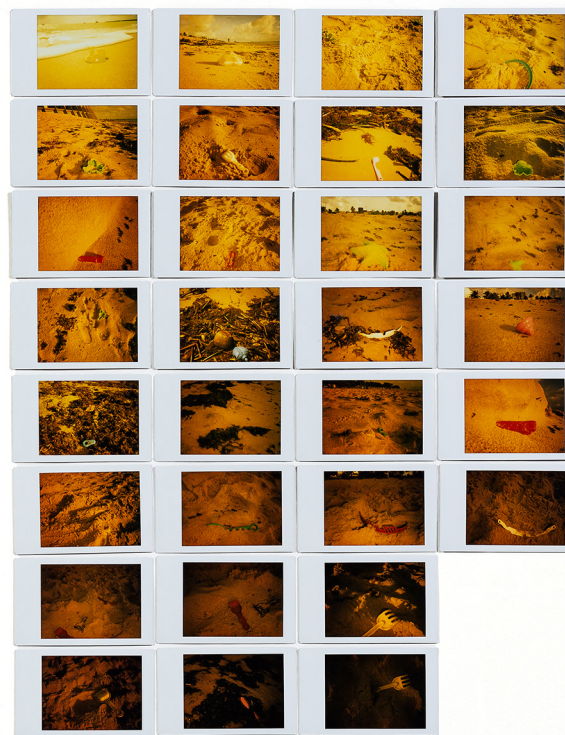
Odinaldo Costa
Souvenir I, II, III, IV e V, 2021
Fotografia instantânea
39 cm x 29 cm
Fotografia: Paulo Rezende



Odinaldo Costa
Souvenir II, 2021
Fotografia instantânea
39 cm x 29 cm
Fotografia: Paulo Rezende



Odinaldo Costa
Topografia de mim, 2021
 Fotografia instantânea
 35 cm x 45 cm
 Fotografia: Paulo Rezende



Odinaldo Costa
Esquecidos, 2021-2022
 Fotografia instantânea
 35 cm x 45 cm
 Fotografia: Paulo Rezende



Odinaldo Costa
Extraviar de mim, 2020-2021
Fotografia instantânea
131 cm x 106 cm
Fotografia: Paulo Rezende



Odinaldo Costa
Não me satisfaria nada menos que seguir para o mar, 2021
Fotografia analógica com redscale
90 cm x 60 cm
Fotografia: Odinaldo Costa

PROCEDIMENTOS DE CRIAÇÃO DE PAISAGENS ÍNTIMAS

Odinaldo Costa

Neste momento histórico que estamos atravessando, direcionei minha produção artística para as questões que busco refletir sobre minha infância. Sou paraibano, cheguei do interior para morar em João Pessoa aos 6 anos de idade. A pandemia do novo coronavírus me levou para lá, na mesma rua em que morei minha infância e juventude. Estar presente nesse lugar de afeto, desencadeou vários processos artísticos, deles escolhi mostrar as estratégias que tenho criado para lidar com a paisagem de minha infância. Estou realizando vários mapeamentos partindo da presença de meu corpo nessa paisagem específica, a praia de Tambaú. Meu procedimento é realizar caminhadas pela extensão de praia que compreende o bairro de Tambaú. Procuo por brinquedos esquecidos e antes de coletá-los, os fotografo ainda camuflados pelas areias da praia. Fico pensando na analogia entre os brinquedos deixados na praia e as várias formas de negligência na infância, principalmente o abandono. Também registro as intervenções realizadas na praia, resultados de brincadeiras ou interações entre as famílias e frequentadores. Sejam castelos, piscinas ou outras edificações de areia. Me interesse por essas ruínas das brincadeiras infantis. Nesses procedimentos, meu corpo faz parte do processo, mas está ausente nas fotografias. Tento resgatar o imaginário de meu corpo de criança, que tantas vezes frequentou as areias de Tambaú.

Paralelamente, faço uma cartografia de meu próprio corpo neste contexto de imersão na cidade em que por mais tempo morei. Investigo que corpo é esse que tangencia minhas memórias, mas que está ali presente. Por fim, vale salientar que minha prática artística é produzida sob um viés autobiográfico e que essa abordagem é essencial para o processo. Parto de meu próprio corpo, almejando encontrar outras vivências e histórias de vida análogas.





Fotografia da página anterior:
Paulo Rezende

Rubens Pileggi
Marcos 13:13-24, 2022
Instalação
Braços de postes com luminárias,
microcontroladores, lâmpadas,
sensor de presença, aparelho de
áudio.
Dimensão: 15 x 9 x 5.50 m
Fotografia: Rubens Pileggi

LUZES EM TEMPO DE ESCURIDÃO
Rubens Pileggi

*Ora, naqueles dias, depois daquela aflição, o sol se escurecerá,
e a lua não dará a sua luz.*
Marcos 13:24

Em “O que é o contemporâneo”, Agambem nos fala que o contemporâneo é o desafio da percepção do tempo, para poder se encontrar com a luz que é própria a esse tempo. Que, aqueles que estão imersos nas luzes de seu tempo não podem ver, como se elas os cegassem. Faz-se necessário, então, o esforço e a determinação ativa enquanto posicionamento crítico que aponta as feridas de uma época, para que se possa suturá-las.

Atravessamos tempos difíceis, é inegável. E não há soluções simplistas para problemas complexos. Ao contrário, a crença de que o fim dos tempos está próximo, muitas vezes, é saudada como sinal afirmativo de uma tragédia sem precedentes, em um momento da humanidade em que a tecnologia se faz tão desenvolvida e, ao mesmo tempo, forças poderosas continuam a produzir a guerra, a fome e a peste com o objetivo de manter e garantir seus lucros sobre os mais pobres e vulneráveis. Será tarde demais quando percebermos que a luz, quando acionada, já era a consequência de um tempo sem retorno, de um lugar sem volta, a nos jogar no pesadelo real de uma situação sem estabilidade.

Esperar a segunda vinda de Cristo é, também, apostar

que depois do fim teremos um reinício. Onde, no paraíso? Mas não era o Paraíso que tanto Colombo quanto Cabral disseram ter “descoberto” quando aqui aportaram? As incongruências históricas e culturais que se abateram sobre esse solo “onde tudo cresce e floresce” levam, até hoje, à morte de indígenas, pretos e pobres todos os dias.

Marcos, no capítulo 13 da Sagrada Escritura judaico-cristã, nos revela sobre a destruição de Jerusalém. Conhecida como Profecia da Escatologia, ela afirma “o fim último de todas as coisas”. Por estar à frente de seu tempo, o visionário luta com as trevas e a escuridão, mostrando os caminhos que se seguirão no decorrer dos tempos. O artista, diferentemente do visionário, fala do que já aconteceu como se ainda fosse acontecer. É por isso que o espectador pode participar de uma cena de violência, sofrer os horrores da guerra e, quando as luzes do cinema se acendem, voltar intacto para casa. Tudo aquilo que aconteceu irá acontecer na próxima sessão, tal como ocorreu agora. Mas a arte não é feita para enganar, embora possa trabalhar com enganos para se chegar a um efeito ou a uma causa que possa interessar ao seu próprio fazer.

No caso do trabalho *Marcos, 13:13-24*, ainda que o título remeta para uma passagem bíblica – “não sobrar pedra sobre pedra” – o problema central da instalação no Centro Cultural da UFG passa pelas especulações sobre as

fronteiras e os limites da relação entre arte e vida. Também traz questões desenvolvidas a partir de 2016, durante a produção de minha tese de doutorado sobre reverberação sonora, abalos sísmicos e tragédias políticas. E, se adensam em procedimentos realizados em *Práticas da passagem*, exposição realizada em 2019, no “Estudio DEZENOVE”, no Rio de Janeiro, transformando o tema em material conceitual para pensar questões físicas e metafísicas.

Sobre a obra, pode-se dizer que ela é, primeiramente, fruto de sua própria montagem. Ela nasce e se estabiliza no espaço pelos aspectos materiais que a compõem, tais como o tamanho do espaço a ser enfrentado, a potência das lâmpadas, a capacidade do fio elétrico suportar vários dispositivos ligados na mesma sequência, o tempo que o microcontrolador irá modular o fluxo de energia às lâmpadas, a disposição das caixas de som na sala, a ‘altura’ do volume, etc. Portanto, é um processo que só no local de sua exibição é que a obra pode responder sobre sua eficácia enquanto trabalho de arte que envolve elementos que acionam percepções, sensorialidades e cognições do espectador.

A realização deste trabalho também me ajuda a esclarecer que a criação, em arte, depende da práxis para sua materialização. É partindo do fazer que o artista tem ideias, porque cada acidente, cada acaso, cada desvio ensina sobre o próximo passo a ser dado. Não sabemos como a

matéria vai agir antes de aprendermos como ela age. Por exemplo, gastar meio dia de trabalho atrás de um parafuso para colocá-lo em uma parede que não cede à broca da furadeira como supostamente deveria ser. E, só por esse exemplo – sem ter que pensar em nenhuma metáfora que a obra possa inspirar – podemos falar de improvisação, gambiarra, terceiro mundismo, colonização e o que mais se queira, por um aspecto banal do cotidiano da criação artística.

Por último, a inspiração para a criação desse trabalho vem do bairro onde moro, em Goiânia, que é o Itatiaia. Como é um bairro que fica longe do centro e da parte mais populosa da cidade, muitas vezes me deparo com muito espaço e, também, com muita solidão, chegando a momentos de vazios intensos preenchidos por nuvens e pela imensidão do céu, quando as lâmpadas dos postes se acendem, ao cair da tarde. Depois da chuva, as lâmpadas piscam, falham, chamam atenção pelo barulho no reator, entram em curto circuito e a certeza é de que mais um pedaço do bairro ficará no escuro. O que eu fiz foi levar alguns elementos comuns à praça em que eu passeio no fim das tardes para o espaço expositivo. Uma seleção de imagens que formam uma determinada composição visual e sonora.

As lâmpadas servem como um alerta, não como uma arma de prestigeador, que usa a luz para cegar e enganar o

público. A luminosidade trôpega que a arte encena não confunde para poder iludir. O que o artista faz é usar da realidade para criar a fantasia e da fantasia para mostrar a realidade. Ver o visível e sentir o sensível não é tão óbvio quanto somos levados a crer. Talvez, como sugestão de leitura – sempre aberta à participação ativa do espectador – o que podemos fazer é questionar o que já passou e não tem mais volta. Em um mundo dominado pela velocidade, é preciso abrir espaços para poder aprender acolher a noite.

Adriana Mendonça

Buriti Alegre-GO, 1968

Formada em Artes Visuais (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal de Goiás, com mestrado em Patrimônio Cultural (PUC/Goiás - 2005) e Arte e Cultura Visual (UFG - 2008) e doutorado em Arte e Cultura Visual (UFG - 2018). Desenvolve pesquisa nas áreas de gravura e desenho. Trabalhou como professora da PUC/Goiás, nos cursos de Design, Arquitetura e Biologia. Atualmente é professora da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e desenvolve pesquisas e trabalhos em arte contemporânea, gravura, livro de artista, livro ilustrado e fanzines. É autora e ilustradora de livros para crianças. Participou de diversas exposições com objetos, pinturas, colagens, desenhos e gravuras.

@impressoes_gravura

Eliane Chaud

Miguelópolis-SP, 1968

Artista visual, participa de projetos e exposições regionais e nacionais. Professora da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (2012). Mestre em Arte e Tecnologia pela Universidade de

Brasília (2000). Graduada em Educação Artística - habilitação Artes Plásticas e Decoração pela Universidade Federal de Uberlândia (1990 e 1992). Sua produção artística se desenvolve tendo como princípio costura-arte-vida, suas memórias e afetividades; da percepção do mundo em que vive; e de proposições artísticas compartilhadas em diferentes meios, ressignificando as ações cotidianas. Busca propiciar experiência artística a diferentes públicos em que a arte se apresenta como agente de possíveis transformações sociais.

@eliane.chaud

Glayson Arcanjo de Sampaio

Belo Horizonte-MG, 1975

Artista visual com pesquisa sobre práticas artísticas contemporâneas com ênfase nos processos de criação e procedimentos em desenho, ações, deslocamentos e intervenções na paisagem, além de assuntos relacionados à tempo, memória, vestígio e ruína. Professor na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e coordenador da Galeria da FAV. Possui doutorado em Artes, com tese intitulada *Em Demolição: notas sobre desenho, processo e lugar*. Integrante dos grupos de pesquisa Entrópicos; NEDEC e Âmbar. Tem participações em

encontros e residências artísticas, exposições individuais e mostras coletivas.

@glayson_arcanjo

www.glaysonarcanjo.com

Maria Tereza Gomes

Goiânia-GO, 1963

Artista/ pesquisadora. Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás, doutoranda no Programa de Performances Culturais da Faculdade de Ciências Sociais UFG. Professora da Faculdade de Artes Visuais/UFG desde 2003. Diretora do Centro Cultural da UFG (2019). Coordenadora dos Projetos extensão Girau de Saberes e Espaço, passos e pessoas – Ações para o CCUFG. Desenvolve pesquisa em processos de criação e arte colaborativa em comunidades tradicionais.

Odinaldo Costa

Itabaiana-PB, 1977

Artista visual. Professor da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Doutor em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2018), na linha de pesquisa Poéticas Artísticas Contemporâneas. Mestre em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (2007), na

linha de pesquisa Imagem e Som. Graduado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal da Paraíba. Desenvolve o projeto de pesquisa “Paisagens íntimas: processos artísticos do corpo e da intimidade”. Está interessado em questões que atravessam o seu corpo físico, mas que se ampliem pelos corpos de outros e pelo mundo. Temas como intimidade, infância e deslocamento/viagem também lhe interessam.

Paulo Henrique Duarte-Feitoza

Goiânia-GO, 1986

Professor da área de História da Arte e da Imagem na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Possui doutorado em História da Arte pela Universidade de Girona, Espanha (2017); Mestrado em Comunicação e Estudos Culturais (2012) e Graduação em História da Arte (2010), pela mesma universidade. Atualmente é líder do Núcleo de Investigação em Histórias da Arte - NIHA e membro do ÂMBAR - Grupo de Pesquisa em Práticas Artísticas, ambos da FAV/UFG. Tem experiência na área de História, Teoria e Crítica de Arte, com ênfase nas épocas moderna e contemporânea.

Rubens Pileggi

Bela Vista do Paraíso-PR, 1962

É artista e professor. Graduiu-se pela Universidade Estadual de Londrina, com mestrado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e doutorado na Universidade Federal de Goiás. Desenvolve pesquisas no campo da intervenção urbana, da instalação de arte e da produção de objetos escultóricos. Em sua tese *A arte como a glória de qualquer um no museu do mundo e a gravidade do silêncio*, de 2016, iniciou um processo de criação levando em consideração o problema da instabilidade gravitacional, da ressonância e da vibração sonora em suas obras. Em 2019, na exposição *Práticas da Passagem*, no Estúdio DEZENOVE, no Rio de Janeiro, insere a dimensão do silêncio e do vazio como parte da ação artística, transformando o tema em material conceitual para pensar questões físicas e metafísicas. Com a instalação *Marcos, 13:13-24*, traz a reflexão sobre a escatologia, ou “o fim último de todas as coisas”, onde a própria montagem é parte constituinte da obra.

@rubenspileggiartista

Universidade Federal de Goiás

Reitora

Angelita Pereira de Lima

Vice-Reitor

Jesiel Freitas Carvalho

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Luana Cássia Miranda Ribeiro

Diretora de Cultura e Artes

Renata de Lima Silva (Kabilaewatala)

Coordenadora de Ações Culturais

Flavia Maria Cruvinel

Diretora do CCUFG

Maria Tereza Gomes da Silva

Coordenadora de Programação de Música e Artes Cênicas

Consuelo Quireze Rosa

Coordenador Técnico

João Victor dos Santos

Assistente Administrativo

Renato Malta

Assistente de Produção e Assuntos Administrativos

Dorivan Borges Filho

Assistente de Produção dos Espaços Expositivos

Jessika Lorrane Rodrigues de Oliveira

Assessoria de imprensa e redes sociais

Gabriel Nonato de Almeida Silva

Designer Gráfica

Mariana Gonçalves de Assis

Técnico em Eletrotécnica

Fernando Júlio Barros

Técnico de Luz

Eduardo de Souza Teixeira

Ficha técnica da exposição

**Âmbar • Grupo de Pesquisa em Práticas Artísticas • FAV-
UFG - CNPq**

**Adriana Mendonça
Eliane Chaud
Glayson Arcanjo
Maria Tereza Gomes
Odinaldo Costa
Paulo Duarte-Feitoza
Rubens Pileggi**

Texto de apresentação
Paulo Duarte-Feitoza

Expografia e Montagem
Grupo Âmbar

Design Gráfico
**Mariana Gonçalves de Assis
Sérgio Soares Simôa**

Mediações
**Clébio Barbosa de Souza
Daniel Oliveira de Abreu
Jessika Lorrane Rodrigues de Oliveira
Mariana Gonçalves de Assis**

Ficha técnica do Catálogo

Coordenação Editorial
**Eliane Chaud
Paulo Duarte-Feitoza**

Fotografias
Paulo Rezende e acervo dos artistas

Imagem da capa e contra capa
Adriana Mendonça

Projeto Gráfico e Arte Final
Sérgio Soares Simôa

Realização



CCUFG
CENTRO CULTURAL UFG

PROEC
PRO-REITORIA DE
EXTENSÃO E CULTURA



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Com os pés plantados nas nuvens [livro eletrônico] :

Âmbar : Grupo de Pesquisa em Práticas

Artísticas : FAV-UFG - CNPq / Grupo Âmbar...[et al.].

-- Goiânia, GO : Ed. dos Autores, 2022.

PDF

Outros autores: Adriana Mendonça, Eliane Chaud,
Glayson Arcanjo, Maria Tereza Gomes, Odinaldo Costa,
Paulo Duarte-Feitoza, Rubens Pileggi.

ISBN 978-65-00-46771-0

1. Arte contemporânea - Exposições
2. Artes visuais - Exposições - Catálogos
- I. Mendonça, Adriana. II. Chaud, Eliane.
- III. Arcanjo, Glayson. IV. Gomes, Maria Tereza.
- V. Costa, Odinaldo. VI. Duarte-Feitoza, Paulo.
- VII. Pileggi, Rubens.

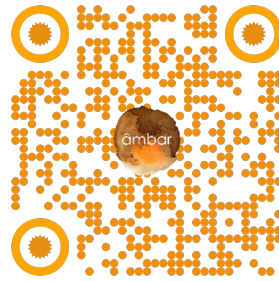
22-114137

CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte contemporânea : Exposições : Catálogos
700.74

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



Âmbar • Grupo de Pesquisa em Práticas Artísticas • FAV-UFG • CNPq
<https://grupoambar.website/>

